



PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA ESCOLA SEM MUROS



LÍNGUA PORTUGUESA

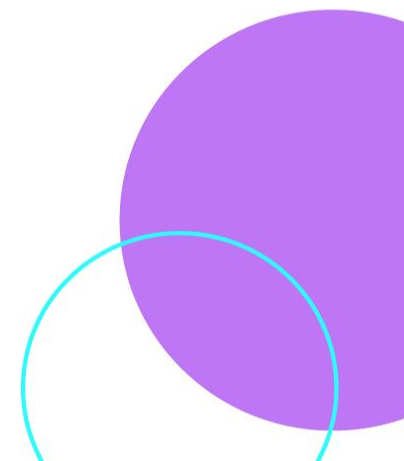
ENSINO FUNDAMENTAL II

Professor: Marcos Júlio Rossi

Turma: 9º ano

Objeto de conhecimento: Crônica Reflexiva

Habilidade: (HCEF09LP01T) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – crônicas visuais, líricas, narrativas e argumentativas, dentre outras, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.



Leia o texto abaixo para responder às questões de 01 a 10.

A QUEM TIVER CARRO

O carro começou a ratear. Levei-o ao Pepe, ali na oficina da rua Francisco Otaviano:

— Pepe, o carro está rateando.

— Entupimento na tubulação. Só pode ser.

Deixei o carro lá. À tarde, fui buscar.

— Eu não dizia? Defeito na bomba de gasolina.

— Você dizia entupimento na tubulação.

— Botei um diafragma novo, mudei as válvulas.

Estendeu-me a conta: de meter medo. Mas paguei.

— Pode ir sem susto, que agora está o fino.

Nem bem chegara a Tribobó, o carro engasgou, tossiu e morreu. Sorte a minha: mesmo em frente ao letreiro de “Gastão, o eletricista” [...]

— Que diafragma coisa nenhuma, quem lhe disse isso? O senhor mexeu na bomba à toa: é o dínamo que está esquentando.

Molhou uma flanela e envolveu o dínamo carinhosamente, como a uma criança.

— Se tornar a falhar é só molhar o bichinho. Vai por mim, que aqui no Tribobó quem entende disso sou eu.

Nem no Tribobó: o carro não pegava de jeito nenhum.

— Então esse dínamo já deu o prego, tem de trocar por outro. Não pega de jeito nenhum.

Para desmenti-lo, o motor subitamente começou a funcionar.

— Vai morrer de novo — augurou ele, e voltou a aninhar-se no seu caminhão.

Resolvi regressar a Niterói. À entrada da cidade, a profecia do capadócio se realizou: morreu de novo. Um chofer de caminhão me recomendou o mecânico Mundial, especialista em carburadores. Fui até ele e em pouco voltava seguido do Mundial, um velho compenetrado arrastando a perna e as ideias:

— Pelo jeito, é o carburador.

Olhou o interior do carro, deu uma risadinha irônica:

— É lógico que não pega! O dínamo está molhado!

Enxugou o dínamo com uma estopa: o carro pegou.

— Eu, se fosse o senhor, mandava fazer uma limpeza nesse carburador — insistiu ainda: — Vamos até lá na oficina.

Preferi ir embora. Perguntei quanto era.

— O senhor paga quanto quiser.

Já que eu insistia, houve por bem cobrar-me quanto ele quis. Cheguei ao Rio e fui direto ao Haroldo, no Leblon, que me haviam dito ser um monstro no assunto:

— Carburador? — e o Haroldo não quis saber de conversa: — Isso é o platinado, vai por mim.

Cutucou o platinado com um ferrinho. Fui-me embora e o carro continuava se arrastando.

— O platinado está bom — me disse o Lourival, lá da Gávea: — Mas alguém andou mexendo aqui, o condensador não dá mais nada. O senhor tem de mudar o condensador.

Mudou o condensador e disse que não cobrava nada pelo serviço. Só pelo condensador.

No dia seguinte, o carro se recusou a sair da garagem.

— Não é o diafragma, não é o carburador, não é o dínamo, não é o platinado, não é o condensador — queixei-me, deitando erudição na roda de amigos. Todos procuravam confortar-me:

— Então só pode ser a distribuição. O meu estava assim.

— Você já examinou a entrada de ar?

— Para mim, você está com vela suja.

E recomendavam mecânicos de sua preferência.

[...]

Não procurei o Urubu, nem o Borracha, nem o Zé Para-Lama, nem o Caolho dos Arcos, nem o Manquitola do Rio Comprido, nem o Manivela de Voluntários [...]: esqueci o automóvel e fui dormir. Pela minha imaginação desfilava um lúgubre cortejo de tipos grotescos [...]. Toda essa fauna de mecânicos improvisados que já tive de enfrentar, cuja perícia obedece apenas à instigação da curiosidade ou à inspiração do palpite, que é a mais brasileira das instituições.

Mas pela manhã me lembrei de um curso que se anuncia aconselhando: “Aprenda a sujar as mãos para não limpar o bolso”. Resolvi candidatar-me — e quem tiver ouvidos para ouvir, ouça, quem tiver carro para guiar, entenda.

Fui à garagem, abri o capô, e fiquei a olhar intensamente o motor do carro, fria e silenciosa esfinge que me desafiava com seu mistério: decifra-me, ou devoro-te. Havia um fio solto, coloquei-o no lugar que me pareceu adequado. Mas não podia ser tão simples.

Era. Desde então, o carro passou a funcionar perfeitamente.

SABINO, Fernando. A quem tiver carro. In: Elenco de cronistas modernos. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 90-93.

— QUESTÃO 01 —

Um aspecto temático contido no texto baseia-se na afirmação de que

- (A) o palpite dos amigos ameniza a angústia de quem tem problemas com carro.
- (B) a intervenção de especialistas contribui para prevenir um problema potencial.
- (C) o entendimento de mecânica por quem tem carros evita atribuições.
- (D) a qualidade do produto está ligada à sua marca e ao seu modelo.

— QUESTÃO 02 —

A composição discursiva do texto o aproxima das características de uma

- (A) crônica narrativa com intenção humorística.
- (B) crônica dissertativa com finalidade retórica.
- (C) notícia descritiva com especificidade poética.
- (D) notícia reflexiva com objetivo pedagógico.

— QUESTÃO 03 —

No título “A quem tiver carro” está implícita a ideia de que o texto apresenta-se aos proprietários de veículo como

- (A) um pedido autoritário.
- (B) um conselho irônico.
- (C) uma ordem despretensiosa.
- (D) uma promessa persuasiva.

— QUESTÃO 04 —

A especialidade dos mecânicos Gastão e Mundial e o palpite de cada um em relação ao rateamento do carro revelam que houve

- (A) exorbitância nos valores cobrados pelos serviços prestados ao dono do automóvel.
- (B) recusa em atender bem o cliente devido ao acúmulo de trabalho na oficina.
- (C) modéstia na consideração de que outros mecânicos poderiam estar certos sobre o veículo.
- (D) influência de seus conhecimentos particulares no diagnóstico errôneo do problema do carro.

— QUESTÃO 05 —

Ao dizer que “o carro engasgou, tossiu e morreu”, pode-se considerar que o sujeito da oração

- (A) é marcado pela presença de uma contraexpectativa.
- (B) recebe atributos de ser animado.
- (C) contém informações de tempo e de modo.
- (D) instaura um processo de estaticidade.

— QUESTÃO 06 —

No trecho: “— Vai morrer de novo”, a expressão “de novo” instaura o pressuposto de que o carro

- (A) iria apagar logo em seguida.
- (B) era uma novidade para seu dono.
- (C) deveria ser destinado ao ferro-velho.
- (D) havia apagado anteriormente.

— QUESTÃO 07 —

Do início ao final do texto, o conflito instaurado na busca de uma solução para o problema do carro coloca em relevo

- (A) a cientificidade do conhecimento.
- (B) o poder do dinheiro.
- (C) a relatividade das verdades.
- (D) o corporativismo dos profissionais.

— QUESTÃO 8 —

A demarcação de diferentes vozes discursivas no texto é feita por meio de

- (A) tempos verbais diferentes.
- (B) pronomes em terceira pessoa do plural.
- (C) pontuação específica.
- (D) artigos definidores de nomes próprios.

— QUESTÃO 9 —

No trecho “Mas pela manhã me lembrei de um curso que se anuncia aconselhando: ‘Aprenda a sujar as mãos para não limpar o bolso’”, quanto à composição e ao gênero textual, a frase entre aspas simples constitui

- (A) uma manchete, por formar uma estruturação sintática.
- (B) um slogan, por conter o anúncio de um curso.
- (C) um ditado, por ser uma expressão cristalizada.
- (D) uma piada, por conter ambiguidade da linguagem.

— QUESTÃO 10 —

Qual das paráfrases mais se aproxima do sentido da frase

“Aprenda a sujar as mãos para não limpar o bolso”, considerando-se todo o texto?

- (A) Suborne os mecânicos para que eles não trabalhem mal.
- (B) Acabe com os mecânicos para que eles não desrespeitem o cliente.
- (C) Entenda a teoria mecânica de carro para não restringir seu campo de conhecimento.
- (D) Conserte você mesmo o seu carro para não ser explorado por mecânico.

GABARITO

1 C, 2 A, 3 B, 4 D, 5 B, 6 D, 7 C, 8 C, 9 B, 10 D